

gro mica

Fernando Frias

a a Cahulã,

12-9-979

Enta ai
toda a
mida
Vida
—
leia
Por
furos

RECORDAR, sobretudo recordar com saudade, é sintoma de que começamos a envelhecer... mas pode, também, ser uma maneira de nos servirmos do passado que vivemos para melhor entendermos o presente, o mundo e a sociedade em que continuamos a viver.

Foi há poucos dias, no intervalo da estreia da recente reposição de «A Bisbilhoteira», no Nacional — para mim, e por várias razões, uma noite de saudade — que encontrei Fernando Frias, precisamente um dos grandes actores que passaram pela cena portuguesa e que, talvez, a maioria dos mais novos que servem o Teatro desconhecera. Há quanto tempo o não via, nem dele, apesar dos laços de amizade que me unem a alguns seus familiares, tinha notícias! Há quanto tempo o não via! Nem mesmo nas tábuas do palco, nas tábuas do palco do seu teatro ou de qualquer teatro, já que nas tábuas dos palcos ele viveu toda a sua vida.

Há quanto tempo o não via representar? A memória baralhou-se-me... Teria sido em Luanda quando a Companhia Rafael de Oliveira e o seu Teatro Desmontável, durante uma das suas digressões pelas ex-colónias portuguesas, ali representava, numa noite memorável, «A Rosa do Adro» na adaptação de Romeu Correia? Não! Depois disso ainda aqui com ele falei — foi na noite em que velávamos Rafael de Oliveira, seu tio — e o vi representar; vi-o representar pela última vez — depois disso, perdi-lhe o rasto — quando a mesma companhia, a que ele sempre esteve ligado, com o mesmo Teatro Desmontável — que hoje é o Adoque — já ali no Socorro, apresentou, numa encenação que Rogério Paulo concebera e apresentara durante o seu exílio em Cuba, «A Traição do Padre Martinho», de Bernardo Santarena.

Reforma por invalidez

Pela própria boca de Fernando Frias (nessa noite de estreia no Nacional que o meu encontro com o actor ainda mais encheu de saudade) soube, então que vai para dois anos que abandonou os palcos por motivos de saúde que agora se agravaram e o vão arrastar para uma reforma por invalidez... uma reforma que, espero, seja digna de quem a vai atribuir e estipular e de quem a vai receber, já que quem a vai receber dedicou

toda uma vida inteira (e difícil) ao teatro.

Sim, aquela noite de estreia no Nacional foi, realmente, para mim, uma noite de saudade. Como é rápida a memória quando ela nos evoca o que nos é grato ou, por uma ou outra razão, nos marcou! O que a reposição de «A Bisbilhoteira» e o encontro com Fernando Frias trouxeram até mim naquela noite! Foi a figura franzina de Adelina Abranches na mesma «A Bisbilhoteira», à frente de um elenco em que me recordo de António Silva, Costinha, Erico Braga, Lucília Simões, Elvira Velez, Maria Sampaio e Josefina Silva a evocarem em mim os anos da minha infância em que meus pais me levavam ao teatro sem se preocuparem se a peça era ou não aconselhável para crianças. Foi a figura veneranda de Palmira Bastos, à frente do elenco do Nacional, que voltei a ver na mesma «A Bisbilhoteira». Foi, teria eu dez ou onze anos, a recordação do rosto inesquecível e da voz doce e risonha de Eduardo Schwalbach a perguntar-me, durante um ensaio de uma revista no Ginásio, se eu gostava muito de teatro. A Schwalbach e à sua peça que tantas coisas trouxeram à minha memória, ali no Nacional, agora Fernando Frias outras me trazia. Trazia-me, sobretudo, a Companhia de Rafael de Oliveira — a que sempre associei a dos Rentini — e os meus primeiros contactos com o teatro: primeiro, em Lisboa, nos espectáculos de variedades do Sallão Foz, depois, quer na minha vila alentejana quer nas praias de Verão, com os espectáculos das comédias e dos dramas das companhias de Rafael de Oliveira e dos Rentini que logo me atraíram para o teatro.

Actor e pintor

Agora Fernando Frias dizia-me que abandonara o teatro e que apenas continuava a pintar; sim, porque além de actor, de homem de teatro, ele é, também, um pintor. Dizia-me calma e serenamente mas sem que o actor que nele habita o fizesse esconder o

amargor com que isso me dizia. Pude, então, imaginar o vazio enorme — mais doloroso e angustiante do que a saudade — em que a sua vida e a sua existência subitamente terão mergulhado. Poder-se-á viver fora do teatro quem no teatro e para o teatro viveu toda a vida?

De Fernando Frias, sobrinho de Rafael de Oliveira, se poderá, melhor do que de alguém mais, dizer que a sua família é o teatro. Quando o vejo, recordo todos aqueles que por laços de sangue, de profissão e de destino lhe estão ligados: o Rafael de Oliveira e os demais Oliveiras — a Ema, o Fernando, o Alvaro, o Camilo, a Gisela — e os Frias — a Geny, a Lizette, o Fernando —, enfim, dois apelidos numa família de várias gerações de actores. Recordo ainda outros que — não sei se, também, por laços de sangue ou só por laços do amor ao teatro — à mesma grande família estão ligados: a Idalina de Almeida, o António Vilela, o Humberto de Andrade... e quantos mais! E recordo, ainda, outros actores que com essa grande família trabalharam e ainda hoje continuam nos palcos.

Não é exagero afirmar que Fernando Frias dedicou toda a sua vida ao teatro. E como! Nascido numa família de actores, estreiar-se-ia apenas com 44 anos, em 1930, no Teatro-Circo de Braga quando ali actuava a Companhia Rafael de Oliveira. Nessa companhia esteve integrado sempre, dela se afastando apenas duas vezes para actuar no Maria Vitória e no ABC, respectivamente, na opereta «Nazaré» e na revista «E Regar e Pôr ao Luar». Com aquela companhia — e foi ele o braço-direito de Rafael de Oliveira durante os seus últimos anos de vida — percorreu inúmeras vezes todo o País, as ilhas adjacentes e as ex-colónias e se deslocou a vários países estrangeiros para representar junto dos núcleos de emigrantes portugueses. Actor, ensaiador, encenador, coreógrafo, director... Fernando Frias é uma verdadeira organização teatral.

Uma dívida por saldar

Em quase 50 anos de actividade teatral desempenhando e encenando peças de todos

os géneros — dos clássicos aos românticos e contemporâneos, quer portugueses quer estrangeiros — contactando com todas as camadas de público, habituado a vencer todos os obstáculos, tendo convivido de perto com as grandes figuras teatrais portuguesas do nosso tempo, Fernando Frias adquiriu uma experiência teatral que ainda hoje poderá ser muito útil a muitas organizações teatrais. A saúde não lhe permite continuar a diariamente se encarregar de ensaios e digressões, a enfrentar as plateias, a decorar papéis a gizar encenações; mas, talvez, lhe permitisse, não digo uma actividade constante, mas, pelo menos, uma colaboração em que a sua larga experiência e o seu profundo conhecimento dos problemas teatrais e, sobretudo, o seu enorme talento de actor pudessem exercer-se.

O teatro português, o público, o próprio País muito devem a Fernando Frias. Não é impunemente que se gasta toda uma vida a servir de mãos limpas um ideal de arte, cultura e amor. Saldemos essa dívida da única maneira



FERNANDO FRIAS — A sua família é o teatro

que é licito saldá-la: não o esquecendo, valorizando pela recordação a sua actividade e o seu talento, inscrevendo o seu nome entre os que melhor e mais dignamente serviram o teatro, amparando-o na sua invalidez que o forçou a abandonar aquilo que mais amou e melhor serviu em toda a sua vida: o teatro.



WOODY ALLEN NA INTIMIDADE

